

Introdução

A ideia do debate em torno de “assuntos narrativos” a propósito da obra pessoana partiu da crença de que poderia ser um movimento crítico interessante desviar a atenção da leitura circunscrita à produção poética – ou ao ensaísmo dedicado a essa produção – para textos de Pessoa menos lidos e/ou comentados, em particular os textos ficcionais narrativos. A expectativa mais imediata da proposta de um tópico desta natureza foi a de que pudessem levantar-se questões mais ou menos directamente suscitadas pela obra contística, quer ao nível dos seus problemas genológicos (que tipos de contos conta Pessoa, por exemplo), quer no modo como esse conjunto singular se articula (ou não) com a restante obra. Pessoa escreveu textos narrativos ao longo da sua vida, foi leitor confessadamente entusiasmado de obras em prosa de diferente extensão, dos contos policiais de Poe ao inesgotável livro de Dickens *The Pickwick Papers*; demonstrou também evidente indiferença ou mesmo desdém pelo romance, contrapondo poesia e literatura, preferindo sem equívocos a primeira. Assim, pensar que lugar têm os assuntos narrativos na poética pessoana poderia ser um repto produtivo.

Num primeiro momento, foi este o desafio subjacente à organização do Colóquio *Estranhar Pessoa* que teve lugar na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa nos dias 21-22 de Junho de 2022, e foi também nesse primeiro momento que a “expectativa mais imediata” que o tópico suscitara se revelou ingénua, tendo sido superada – se não mesmo contrariada – pelos vários e diversificados contributos, isto é, pelos caminhos divergentes para que cada uma das intervenções apontou.

Se é certo que, num sentido muito intuitivo, o tópico “assuntos narrativos” aplicado à figura autoral de Pessoa poderá de facto ser entendido à luz restrita daquilo que é hoje a parte da obra composta por coisas que podemos com mais ou menos desconfiança reconhecer enquanto “contos” ou “novelas” – entendimento que deu origem a alguns dos ensaios que integram este número, como os de Manuela Parreira da Silva, Joana Matos Frias e Nuno Amado –, não será menos seguro que, além de uma interpretação legítima de tais assuntos como sendo os assuntos mais próprios da (re)construção de uma biografia – interpretação essa que tem sido naturalmente protagonizada por Richard Zenith –, será necessário ter em conta a forma como a própria construção da obra de Fernando Pessoa pode ser vista e discutida à luz de princípios narrativos: nas páginas que se seguem, esse tipo de compreensão poderá ser encontrado nos ensaios de Miguel Tamen, Pedro Sepúlveda, ou Madalena Lobo Antunes.



A todos estes artigos, de uma forma ou de outra adstritos à temática narrativa que organiza este número da revista, acrescentam-se, na secção *Varia*, outros dois que, embora de modos distintos, problematizam o contexto cultural em que a obra de Pessoa se produziu e lhe reconfiguram o legado. Num deles, Anna M. Klobucka discute o lugar da produção lírica das poetisas portuguesas nas primeiras décadas do século XX; no outro, Talita Lilla procura tornar saliente o quanto a poesia de Miguel Torga afinal deve à lição pessoana.

Esta reunião de ensaios torna assim evidente a centralidade de alguns tópicos que a tradição crítica pessoana tem vindo a privilegiar, nomeadamente a natureza da heteronímia ou da sua génese. Esses lugares centrais parecem determinar perspectivas hermenêuticas mais circunscritas, de que aquelas que delimitam assuntos narrativos podem ser exemplo, como se necessariamente as reconfigurassem. Mesmo os estudos que incidem sobre a ficção narrativa pessoana revelam-se, de distintos modos, possíveis chaves de poética: talvez o que chamamos agora Pessoa nos exija sempre um gesto crítico de amplo fôlego, ou, por outras palavras, talvez cada parte, por mais recortada que seja, só possa ser legível se remeter para um todo que nunca há. Nessa medida, a intenção de deslocar o olhar crítico para os assuntos narrativos vê-se confrontada com a evidência de ser hoje muito difícil ler partes da obra de Pessoa sem pensar ou sugerir um todo, pelo que discutir assuntos narrativos não deixa de implicar o escrutínio da natureza poética pessoana e das condições da sua possibilidade.

Joana Matos Frias, Nuno Amado e Rita Patrício
Lisboa, Outono de 2022